



**cada leitura,
uma experiência**



SÔNIA GOMES MOTA

VOZES

DA

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NA HISTÓRIA
DA IGREJA PRESBITERIANA UNIDA

RESISTÊNCIA

 SABER
CRIATIVO


IPU EDITORIAL



À minha mãe, D. Nini, que em muitos momentos soube aliviar, com sabedoria e muito amor, o “rigor presbiteriano”, evitando que me tornasse prisioneira dos dogmas institucionais.



À memória do meu pai, “seu João”, um presbiteriano convicto, que, através da sua vida, deu-me exemplos de fé.



SUMÁRIO

ABREVIATURAS	9
PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	15
Surgimento da Igreja Presbiteriana	39
Aspectos históricos	39
Aspectos teológicos	69
Primórdios do Presbiterianismo no Brasil	85
Aspectos históricos	85
Aspectos teológicos	104
Um período de crises e conflitos na Igreja Presbiteriana no Brasil	119
A Igreja Presbiteriana do Brasil antes da ruptura	119
Um novo ramo do presbiterianismo	183
Os primórdios da IPU	183
A reação das Igrejas do Recôncavo Baiano	196
As atuais igrejas da IPU no Recôncavo Baiano	204
CONCLUSÃO	223
AGRADECIMENTOS	227
REFERÊNCIAS	229

ABREVIATURAS

ACA	Associação de Acadêmicos
AIPRAL	Associação de Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina
AMIR	Aliança Mundial de Igrejas Reformadas
CEB	Confederação Evangélica do Brasil
CE	Comissão Especial
CEDITER	Comissão Evangélica dos Direitos da Terra
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço
CII	Conselho Internacional de Igrejas Cristãs
CLAI	Conselho Latino-Americano de Igrejas
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
CNM	Confederação Nacional da Mocidade
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
DARE	Departamento de Atividades Religiosas e Educativas
DAS	Departamento de Ação Social
DE	Departamento de Estudos
DIC	Departamento de Imigração e Colonização
DJ	Departamento da Juventude
DL	Departamento de Literatura
FENIP	Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPI	Igreja Presbiteriana Independente

IPU	Igreja Presbiteriana Unida
MEC	Movimento Estudantil Cristão
PCUSA	Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos
PCUS	Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos
PSVD	Presbitério do Salvador
SAF	Sociedade Auxiliadora Feminina
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SC	Supremo Concílio
SPC	Seminário Presbiteriano do Centenário
SPN	Seminário Presbiteriano do Norte
SPS	Seminário Presbiteriano do Sul (Campinas)
UCEB	União Cristã de Estudantes do Brasil

PREFÁCIO

Teve que aprender a falar a linguagem dos homens, seduzi-los por sua inteligência mais do que por sua beleza ou por sua bondade, para aceder a um mínimo de reconhecimento público. Ela rompe os códigos sociais habituais em sua época para provar do 'fruto proibido'.

Ivone Gebara

A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente.

Gênesis 3.6

Das múltiplas experiências no campo existencial e institucional que a IPU me proporcionou, a Revda. Sônia Mota, imbuída da sabedoria, ocupa um lugar muito especial nessas metamorfoses que vivi e vivo. Ela é uma das mulheres que também me convidou a comer da árvore da vida. Ela é minha pastora, por isso escutei e escuto sua voz e sinto-me cuidado. Não só ora por mim, ela ora comigo. Ela não apenas oferece conselhos e caminhos,

ela me convida a pensarmos juntos e encontrarmos respostas necessárias rumo à libertação. Ela, escuta minhas dores e medos e também vai gestando de diversas formas o acesso a setores do campo ecumênico baiano e nacional com generosidade e afeto.

Como vice moderadora do Presbitério do Salvador e Diretora Executiva da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) é inegável sua responsabilidade e compromisso ético com a defesa da vida e com as instituições em que está inserida. Sônia é a primeira pastora da IPU com formação de dentro deste novo ramo presbiteriano no Brasil. O CC-IPU em 2021 lançou a Turma da IPUzinha e ela é uma das personagens que, junto com outros(as), marcarão uma nova socialização nas crianças e adolescentes representantes do futuro da IPU.

Abalizo que é uma alegria atender ao pedido da equipe da IPU Editorial para construir esse prefácio. Romper silêncios e potencializar vozes, corpos e vidas é uma característica marcante desta obra que é o resultado da pesquisa de mestrado da Revda. Sônia Mota na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo no Rio Grande do Sul. Deste modo, *Vozes da Resistência: A atuação das mulheres na história da IPU* propõe a partir de uma chave hermenêutica bíblica, feminista, bem como, de um profundo diálogo com a teologia e a história, reverberar o protagonismo das mulheres no chão das igrejas ao longo dos anos.

Essas mulheres que não se conformaram com inúmeros mecanismos de controle institucional e promoveram insurreições com o desejo de um paradigma societário mais justo e equânime dentro e fora dos espaços eclesiais nos ensinam a transgredir. No que tange ao campo religioso da IPU, tornar-se diaconisa, presbítera e reverenda foi (é) um marco significativo, pois, como

assinala sua pesquisa em relação a participação das mulheres no território de identidades do Recôncavo Baiano, no canto, no ensino e na liturgia, elas faziam e fazem o trabalho de uma comunidade de fé acontecer, isto é, se tornar uma realidade. Aliás, no ramo do presbiterianismo no Brasil, a IPU foi a primeira igreja que tem a conquista feminina materializada nas lideranças religiosas.

Nesse sentido esta obra apresenta muitas questões relevantes para pensar, para silenciar, para problematizar, para avaliar, para recriar e para continuar. O que mudou e o que permaneceu do tempo da pesquisa para hoje? Quais memórias devem ser avivadas e quem são as novas protagonistas? E as questões de classe, raça e sexualidade? Ora, sabemos que o texto aponta para um momento histórico, político, cultural cheio de especificidades e que toda pesquisa não encerra nenhum tema de realidades demasiadamente complexas.

O contato com essa pesquisa é um convite para rememorar experiências corpóreas femininas que entre lágrimas, lutas e sorrisos recriaram suas trajetórias e deixaram um legado para nós da IPU. Desejo, honestamente, que mais pesquisadoras e pesquisadores a partir desta obra busquem atualizar questões postas e desenvolver mais olhares e vozes de resistência.

*Revd. Cláudio Márcio Rebouças da Silva*¹
Muritiba (cidade serrana do Recôncavo
da Bahia), 07 de junho de 2021.

1 Moderador do Presbitério do Salvador e pastor da Igreja Presbiteriana Unida em Muritiba-BA. E-mail: revcacau@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU) é um dos ramos mais novos do presbiterianismo no Brasil. Ela foi fundada em 10 de setembro de 1978, após profunda crise dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

A história da IPU não é, portanto, muito extensa. Mesmo assim, está plena de acontecimentos marcantes, inclusive intolerância, perseguições, dor e sofrimento. Por outro lado, é uma história rica em resistência, testemunhos e desafios. Esta história precisa ser estudada e preservada enquanto as pessoas que vivenciaram aquela primeira fase ainda estiverem vivas e puderem dar sua interpretação aos fatos. Pois, embora a IPU seja uma Igreja bastante jovem, muitos/as líderes do movimento que a originou já estão idosos/as, e algumas pessoas inclusive já faleceram. A Igreja possui poucos documentos escritos, sendo a sua memória, em grande parte, oral.

Esta obra pretende reconstruir os inícios da história da IPU, tendo as mulheres como testemunhas principais. Procura, além disso, analisar as reações das pessoas frente à ruptura ocorrida dentro da IPB e avaliar, se, e como as comunidades locais

conseguiram pôr em prática as propostas iniciais da IPU. Proponho relatar aqui um pouco da história da IPU, pois, embora esteja com mais de 25 anos de formação, ela ainda é desconhecida de muitas pessoas, até mesmo dentro do protestantismo brasileiro. Busco descobrir, especialmente no depoimento de mulheres, como esta história ocorreu. Para tanto, recorro ao que dizem esposas e filhos/as de pastores que sofreram perseguições dentro da IPB, para saber como a vida delas/es foi afetada. Também recorro ao depoimento de mulheres, especialmente das Igrejas no Recôncavo Baiano, para saber como experimentaram o momento da ruptura com a IPB, e como estas Igrejas se encontram agora que a IPU está prestes a completar 25 anos.

Para nortear o trabalho, foram levantadas questões como: Quais os motivos que possibilitaram o surgimento da IPU? Como seu deu o processo de ruptura com a IPB? Quais as propostas que diferem a IPU da IPB? Qual a participação das mulheres na formação e liderança da IPU? Como está a IPU após mais de 25 anos de existência?

Como não é possível, dentro da proposta deste trabalho, abarcar todos os lugares em que ocorreu a ruptura, nem escutar todas as pessoas envolvidas no processo, restrinjo-me ao depoimento de algumas mulheres de duas igrejas do Recôncavo Baiano.

Antes de iniciar propriamente esta pesquisa, já aventava algumas hipóteses. A primeira era que o surgimento da IPU teria se dado a partir de um grupo de pastores e professores da Igreja Presbiteriana do Brasil, que tinham ideias e posicionamentos teológicos considerados demasiadamente progressistas pela direção da IPB. Em segundo lugar, presumia que algumas comunidades

aderiram a seus pastores por solidariedade, mas não compreendiam toda a amplitude do que estava acontecendo. Também supunha que, embora não tomassem parte das instâncias de decisão da Igreja, as mulheres apoiaram a mencionada ruptura; mesmo quando não entendiam totalmente o que estava acontecendo, não hesitaram em ser solidárias com a liderança de suas igrejas locais.

Além dessas hipóteses, deixei-me nortear por algumas experiências próprias. Constatei, por exemplo, que muitas mulheres, mesmo sem preparação teológica, assumiram funções de liderança nas comunidades locais durante e após a ruptura que deu origem à IPU. Constatei também que o desenvolvimento e o crescimento de muitas comunidades locais foram bastante prejudicados pelo fato de a grande maioria de seus pastores assumirem o ministério pastoral, na recém-criada IPU, apenas em tempo parcial. Isso era compreensível, pois, com a perseguição sofrida dentro da IPB, muitos pastores foram obrigados a buscar outros meios de sobrevivência. Por fim, experimentei que as mulheres, através da sua atuação, resistência e liderança, tiveram papel preponderante dentro do movimento que fez surgir a IPU.

Para reconstruir esta história, alguns caminhos foram percorridos e alguns/mas parceiros/as de diálogo foram consultados para ajudar a desvelar histórias e personagens pouco conhecidos/as. Busquei apoio nos aportes metodológicos e na produção historiográfica surgidos no âmbito do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA), na historiografia feminista e na história oral.

Cada uma destas ênfases suscitava em mim inquietações, dúvidas e questionamentos, obrigando-me a estar

sempre atenta à minha postura de pesquisadora. Mas, por outro lado, elas me descortinavam possibilidades e apontavam caminhos que poderiam ser trilhados, mesmo estando consciente de que não encontraria “o método” a seguir, mas perspectivas de trabalho.

Quando me propus a pesquisar aspectos da história da Igreja Presbiteriana Unida, observei que grande parte da história sobre o presbiterianismo brasileiro havia sido escrita por homens que, em algum momento, estiveram na liderança da Igreja. Daí a minha pergunta: Qual história da Igreja Presbiteriana foi escrita? É possível falar em “História da Igreja” ou “Histórias da Igreja”? Segundo Lauri Wirth:

A tradição “eusebiana” ainda domina a história da Igreja, que aposta na preservação da memória das instituições, dos feitos das suas autoridades e na preservação da reta doutrina. É uma historiografia triunfalista voltada a mostrar a história gloriosa das instituições e apologética, quando estas se sentem ameaçadas¹.

Em razão de minha presença junto às comunidades, percebi que, em muitos casos, havia uma diferença muito grande entre o que se lia em documentos oficiais da Igreja e o que o povo estava falando e vivendo. Havia, junto às comunidades, uma pluralidade de experiências que estavam sendo desprezadas pela historiografia oficial. Diante dessas suspeitas e constatações, encontrei na proposta metodológica de CEHILA

1 Lauri Emílio WIRTH, O lugar da história da igreja no ensino da teologia, p. 54-55, in: *História da Igreja em debate*.

minha primeira parceira de diálogo. Nesta pesquisa, CEHILA é importante pelos seguintes motivos:

1. A história do presbiterianismo no Brasil se caracteriza por ter sido escrita a partir da atuação dos missionários que aqui chegaram. É uma história que conta e exalta os feitos dos “dedicados e desinteressados missionários”, mas ignora as pessoas que estão vivenciando a sua fé na base, sustentando e dando continuidade ao trabalho. Conforme Riolando Azzi:

A grande inovação introduzida pela CEHILA em termos de história da Igreja foi colocar ênfase em um estudo realizado a partir da vivência de fé por parte do povo. Distanciava-se assim dos tradicionais estudos da história da Igreja que privilegiavam apenas a vida e as atividades das instituições eclesiais oficiais².

Esta proposta de CEHILA certamente permite ao/ à pesquisador/a uma atuação mais livre, mas também mais arriscada. Não se tem o compromisso de enaltecer personagens ou instituições, mas procurar ser fiel para com as histórias que se passam nas periferias do poder. É o compromisso de revelar o povo como sujeito da história, mesmo quando a pesquisa historiográfica traz à tona o que a instituição prefere esconder.

2. Além disso, para CEHILA são importantes os aspectos latino-americanos e ecumênicos da historiografia, a saber: a pergunta pelos excluídos, uma história latino-america-

2 Riolando AZZI. A questão metodológica: a proposta de Cehila como historiografia ecumênica. p.81. In: História da Igreja em debate.

na e ecumênica. É verdade que a presente pesquisa pretende estudar a origem de um ramo denominacional. No entanto, foi possível perceber claramente que, à base da ruptura que deu origem à IPU, estão dois grandes conflitos. Um deles dizia respeito à formação de uma teologia própria: de um lado estavam os que tentavam preservar uma teologia tradicional norte-americana; do outro se encontravam aquelas pessoas que buscavam uma teologia mais autônoma e latino-americana.

O outro conflito estava ligado à questão ecumênica. Um grupo advogava a participação da Igreja Presbiteriana nos organismos ecumênicos, enquanto outro grupo defendia o afastamento deles como forma de preservar a denominação. Estes dois conflitos viriam a ser considerados o pivô da ruptura que fez surgir a IPU.

3. Ao tentar compreender os desdobramentos destes conflitos dentro da Igreja Presbiteriana, li, escutei depoimentos e relembrei a minha própria experiência. Descobri o quanto estava pessoalmente envolvida com a história que estava pesquisando. Escrever sobre a história da IPU era escrever um pouco sobre minha própria história. Em diversos momentos temia que o meu envolvimento pudesse comprometer a objetividade na pesquisa. Nesse contexto, vale lembrar a constatação de Paulo Suess: “A prática do historiador não é uma prática neutra ou mera-

mente técnica. A verdade histórica, como toda verdade, tem raízes e condicionamentos socioculturais”³.

Porém, relativizar a pretensão da neutralidade científica de uma pesquisa não significa renunciar a uma postura crítica. Pois é preciso superar os limites e vencer as dicotomias que dividem a história em mocinhos e bandidos, em que os bandidos são sempre os outros.

4. Encontro, finalmente, em CEHILA apoio para pesquisar aspectos e personagens da história da IPU, que foram negligenciados ou esquecidos, mas que também fazem parte desta história e, por isto, precisam ser estudados.

Apesar de CEHILA apresentar propostas inovadoras, que muito contribuem para a história da igreja latino-americana, é preciso apontar também para algumas dificuldades. Pesquisadores/as e historiadores/as do próprio CEHILA apontam para elas. Algumas das dificuldades que detectei foram as seguintes:

1. A elaboração de uma história da igreja a partir do povo leva-nos à pergunta: como retornar e devolver às nossas fontes o material que elas nos forneceram e que foi transformado em produção acadêmica? É preciso muito cuidado para não transformar os personagens principais em meros coadjuvantes da história.

Para ser fiel a seus princípios, CEHILA deve romper os espaços das instituições acadêmicas e voltar à base popular. A história é do povo e a ele deve retornar. O retorno às fontes possibilita a construção de identidade,

3 Paulo SUESS, *A história dos Outros escrita por nós*, p. 103, in: *Ética e Filosofia da Libertação*.

fomenta a autoestima e valoriza a história daqueles/as que forneceram o material da pesquisa⁴.

2. Paulo Suess⁵ nos alerta para o fato de que são sempre “os outros” que contam a história de um povo ou de um grupo social. Além disso, adverte que também o Outro, ao contar a história de seu próprio povo, pode estar representando a si mesmo e não o seu povo. Cabe ao/a historiador/a, portanto, perguntar-se constantemente: qual história está sendo contada? Em nome de quem se fala? Quais interesses estão sendo representados? Será que nossos interlocutores não estão sendo escolhidos para corroborar o que queremos afirmar?
3. A história escrita a partir dos que estão à margem do poder eclesial também corre o risco de transformar-se em descrição ideológica. A questão é que aqueles que respondem aos interesses da “comunidade científica” não estão isentos de condicionamentos ideológicos, do mesmo modo como os que respondem aos interesses das igrejas⁶. Não se pode ser ingênuo e ignorar os interesses eclesiais ou ideológicos que rodeiam uma pesqui-

4 Renate GIERUS, *História das mulheres cristãs*. Uma historiografia feminista do cristianismo na América Latina e no Caribe, p. 17-18.

5 P. SUESS, *op. cit.*, p. 91.

6 Enrique DUSSEL, Pólos problemáticos na história da igreja na América Latina, p. 141, in: *Para uma História da Igreja na América Latina*. O debate metodológico.

sa e o/a pesquisador/a., mas estes interesses não deveriam obnubilar a cientificidade da pesquisa.

4. Renate Gierus⁷ dedica boa parte da sua dissertação de mestrado à análise da questão de gênero. Ela mostra que, embora CEHILA tenha rompido com paradigmas e procurado manter uma visão crítica do seu trabalho e de sua produção, deixou de abordar, com a devida ênfase, o movimento feminista. Aponta para o fato de CEHILA não se ter posicionado com audácia frente aos silêncios em torno da mulher.

Paulo Suess reconhece: “A linguagem que atravessa os volumes da CEHILA ainda é bastante machista, apesar de generosamente ter incluído as mulheres na categoria das mais pobres dos pobres”⁸.

Mas não se trata apenas de linguagem ou de “generosidade”. É uma questão de incorporar o tema da mulher em sua estrutura metodológica, historiográfica e epistemológica. Assim, Gierus propõe o uso da historiografia feminista como forma de registro histórico. A abertura de CEHILA para críticas permite buscar soluções para estas e outras dificuldades.

No desenvolver da minha pesquisa, fui surpreendida com a ausência das mulheres na historiografia oficial da Igreja Presbiteriana. Este fato era completamente estranho para mim, que

7 Para maior aprofundamento, R. GIERUS, *op. cit.*, cap. 2 e 3.

8 P. SUESS, *op. cit.*, p. 115.